

PUPPO, benedito Barbosa. Os primórdios da imprensa no Brasil. (introdução à exposição feita no SESI, durante o Seminário de Jornalismo de Empresa). Correio Popular, Campinas, 25 jul. 1975.

Os primórdios da imprensa no Brasil

(Introdução à exposição feita no SESI, durante o Seminário de Jornalismo de Empresa)

O tema proposto para hoje é "A Imprensa no Brasil: Retrospectiva histórica". A palavra "Imprensa" dá margem a algumas considerações antes de abordar o assunto, não tratado sob o ponto de vista da Cronologia ou da simples narração de episódios. Enfim não tratarei do assunto sob o ângulo da História fátual, daquela narração em que os episódios são apresentados tim-tim por tim em ordem de datas, de sucessão, porque o que deve interessar é o processo da evolução da Imprensa.

Vou tomar a palavra "Imprensa" no sentido restrito de jornalismo feito através dos periódicos, do papel impresso com notícias ou informações e com opiniões. Excluo, portanto de minhas considerações a palavra Imprensa em sua acepção ampla de conjunto de operações gráficas, para determe somente na que abrange apenas o jornal impresso, assim como não a tomarei no sentido de jornalismo, mas como parte desta atividade.

Há uma expressão corrente, que está sendo usada, com frequência, para designar o jornalismo, feito pelo rádio, como imprensa falada para distingui-lo do feito pelo jornal que para muitos é a imprensa escrita. Ora, Imprensa só pode ser escrita. O que se faz no Rádio, na TV e no Cinema é jornalismo, falado ou audio-visual.

Há no livro de Nelson Werneck Sodré, "História da Imprensa no Brasil", na parte introdutória dessa obra, um expressivo trecho no qual está a síntese da História da Imprensa em nosso País. "A luta entre a informação e a opinião não foi a única que marcou o desenvolvimento da imprensa, logo apareceu a luta entre a opinião e a publicidade, que era a forma organizada que a propaganda assumia".

Se lançarmos uma vista ao passado, indo até o momento em que surgiu na primeira metade do Século XIX o primeiro órgão da Imprensa Brasileira — "O Correio Braziliense", para uns, ou a "Gazeta do Rio de Janeiro", de Frei Tiburcio, para outros, este último órgão assim definido por Nelson Werneck Sodré: "Era um pobre papel impresso preocupado quase tão somente com o que se passava na Europa, de quatro páginas in 4.o. poucas vezes mais, semanal de início, trissemanal depois..."

Sobre esse papel impresso, a que se dava o

nome de jornal, o citado autor escreveu: "Jornal oficial, feito na imprensa oficial, nada nele constituía atrativo para o público, nem essa era a preocupação dos que o faziam, como a dos que o haviam criado". Armitage, John Armitage, historiador inglês, que viveu no Rio de Janeiro de 1828 a 1835, a propósito desse órgão da "imprensa áulica", ao referir-se ao espírito da "Gazeta do Rio de Janeiro", assim se expressou: "Por meio dela só se informava ao público, com toda fidelidade, do estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias dos dias, natalícios, odes e pangeiricos da família reinante. Não se manchavam essas páginas com as efervecências da democracia, nem com a exposição de agravos", concluindo o historiador com esta observação: "A julgar-se do Brasil pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado um só queixume".

Lançado o primeiro número da "Gazeta do Rio de Janeiro", no dia 10 de setembro de 1808, esse "arremedo de jornal" dirigido por Frei Tiburcio José da Rocha deixou de circular em 31 de dezembro de 1822, surgindo em sua substituição o "Diário do Governo". Fundado por iniciativa de D. João VI, a "Gazeta do Rio de Janeiro" desapareceu, como se vê, logo após a Independência, tendo estampado a 14 de novembro de 1822 pela primeira vez as armas brasileiras.

Como surgiu esse jornal? Surgiu de um fato fortuito. Todos os homens de Imprensa conhecem o caso do material colocado no porão da embarcação "Medusa", por ordem de Antonio de Araujo, futuro Conde da Barca

Esse material comprado, mas não utilizado, para a Secretaria de Estrangeiros e da Guerra, da qual era titular o futuro conde da Barca, veio assim, na confusão da fuga da Corte de D. João VI, parar no Brasil.

Hipólito da Costa lamentava, ao referir-se à "Gazeta do Rio de Janeiro", que fosse gasta "tão boa qualidade de papel em imprimir tão ruim matéria". Por sua vez, Nelson Werneck Sodré escreve: "Consagrada como marco inicial da imprensa brasileira, a de frei Tiburcio não teve nenhum papel daqueles que são específicos do periodismo, salvo o cronológico".

Ao referir-me ao primeiro órgão de im-

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP
75
cau
CMUHE030221

prensa impresso no Brasil, citei datas, o que parece entrar em conflito com a minha afirmação de não tratar dos fatos cronologicamente, mas ao por em foco o processo do surgimento da Imprensa em nosso País, necessário é que as datas referentes aos dois órgãos pioneiros sejam mencionadas. Não discuto se se deve considerar o "Correio Braziliense" como o primeiro órgão da Imprensa brasileira, ou se a primazia deve ser concedida à "Gazeta do Rio de Janeiro", mas para boa compreensão daquele período da primeira década do Século XIX é imprescindível que cite-mos as datas do aparecimento de um e de outro.

A primeira edição do "Correio Braziliense" saiu três meses antes do aparecimento do jornal de frei Tiburcio, mas acontece que não era impresso no Brasil. O "Correio Braziliense" foi fundado em Londres, pelo refugiado brasileiro Hipólito da Costa. Na capital inglesa, era redigido e impresso. Ali, Hipólito da Costa dirigiu-o durante todo o tempo de vida do jornal. O "Correio Braziliense" ou "Armazem Literário", que deixou de circular em dezembro de 1822, não tinha o formato normal dos jornais. Nelson Werneck Sodré de quem me valho muitas vezes para este trabalho, retrata-o: "Aceitando o jornal de Hipólito como integrado na imprensa brasileira, seria conseqüentemente, a data do aparecimento de seu primeiro número o marco inicial, naturalmente, do nosso periodismo". Na verdade, dois números dele já haviam sido lançados, quando surgiu o jornal de frei Tiburcio. Mas além desse problema de precedência, há outros. É preciso considerar que ambos diferiam na forma e na essência, devendo-se ainda considerar, como escreve Nelson Werneck Sodré, o fato "de que eram diferentes em tudo, mesmo pondo de lado a questão de orientação, quando a diferença chegava mesmo ao antagonismo".

Eis o paralelo traçado pelo citado autor: "Representavam, sem a menor dúvida, tipos diversos de periodismo: a *Gazeta* era embrião de jornal, com periodicidade curta, intenção informativa mais do que doutrinária, formato peculiar aos órgãos impressos do tempo, poucas folhas, preço baixo; o *Correio* era brochura de mais de cem páginas, geralmente 140, de capa azul escuro, mensal, doutrinário muito mais do que informativo, preço muito mais alto".